

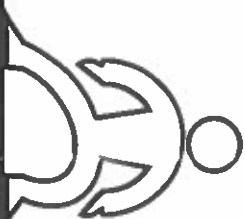
David Le Breton

*A sociologia
do corpo*

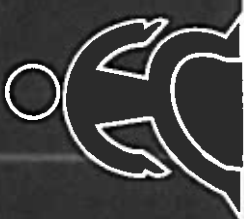
Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann

 EDITORA
VOZES
Petrópolis

DAVID LE BRETON



A SOCIOLOGIA DO CORPO



 EDITORA
VOZES

- V - Campos de pesquisas 2: Imaginários sociais do corpo, 62
 - I - "Teorias" do corpo, 62
 - II - Abordagens biológicas da corporeidade, 62
 - III - Diferença entre os sexos, 65
 - IV - Corpo, suporte de valores, 69
 - V - O corpo imaginoso do racismo, 72
 - VI - O corpo "deficiente", 73
- VI - Campos de pesquisas 3: O corpo no espelho do social, 77
 - I - As aparências, 77
 - II - Controle político da corporeidade, 79
 - III - Classes sociais e relações com o corpo, 81
 - IV - Modernidades, 84
 - V - Risco e aventura, 87
 - VI - O corpo supranumerário, 89
- VII - Estatuto da sociologia do corpo, 92
 - I - O canteiro de obras, 92
 - II - A tarefa, 93

Bibliografia, 95

Introdução

I - A condição corporal

A sociologia do corpo constitui um capítulo da sociologia especialmente dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários. Sugere que as ações que tecem a trama da vida quotidiana, das mais fúteis ou das menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade; fosse tão-somente pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear, sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca.

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semiótico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal. Procurando entender esse lugar que constitui o âmago da relação do homem com o mundo, a sociologia está diante de um imenso campo de estudo. Aplicada ao corpo, dedica-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de

referências culturais. Existir significa em primeiro lugar mo-
ver-se em determinado espaço e tempo, transformar o meio gra-
ças à soma de gestos eficazes, escolher e atribuir significados e
valor aos inúmeros estímulos do meio graças às atividades per-
ceptivas, comunicar aos outros a palavra, assim como um re-
pertório de gestos e mímicas, um conjunto de rituais corpo-
rais implicando a adesão dos outros. Pela corporeidade, o ho-
mem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-
o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeá-
veis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz senti-
dos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no
interior de dado espaço social e cultural.

Qualquer que seja o lugar e a época do nascimento e as con-
dições sociais dos pais, a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de
qualquer sociedade humana. A história deixa evidente também
que parte do registro específico de certos animais lhe é acessí-
vel, lembrando para tanto da aventura excepcional de certas
crianças ditas "selvagens". Ao nascer, a criança é constituída
pela soma infinita de disposições antropológicas que só a imer-
são no campo simbólico isto é, a relação com os outros, poderá
permitir o desenvolvimento. São necessários à criança alguns anos
antes que seu corpo esteja inscrito realmente, em diferentes di-
mensões, na teia de significações que cerca e estrutura seu gru-
po de pertencimento.

Esse processo de socialização da experiência corporal é uma
constante da condição social do homem que, entretanto, en-
contra em certos períodos da existência, principalmente na
infância e na adolescência, os momentos fortes. A criança
cresce numa família cujas características sociais podem ser va-
riadas e que ocupa uma posição que lhe é própria no jogo das
variações que caracterizam a relação com o mundo da comu-
nidade social em que está inserida. Os feitos e gestos da crian-
ça estão envolvidos pelo padrão cultural (*ethos*) que suscita
as formas de sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades
perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação com o mun-
do. A educação nunca é uma atividade puramente intencio-
nal, os modos de relação, a dinâmica afetiva da estrutura fa-
miliar, a maneira como a criança se situa nessa trama e a sub-

missão ou resistência que a ela opõe aparecem como coordenadas
cuja importância é mais e mais considerada na socialização.

O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem gra-
ças ao efeito conjugado da educação recebida e das identidades
que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo
social. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da rela-
ção do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e conti-
nua durante toda a vida conforme as modificações sociais e cultu-
rais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que con-
vém assumir no curso da existência. Se a ordem social se infiltra
pela extensão viva das ações do homem para assumir força de lei,
esse processo nunca está completamente acabado.

A expressão corporal é socialmente modulável, mesmo sen-
do vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Os ou-
tros contribuem para modular os contornos de seu universo e a dar
ao corpo o relevo social que necessita, oferecem a possibilidade de
construir-se inteiramente como ator do grupo de pertencimento.
No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifesta-
ções corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos
parceiros. Elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de
dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de na-
tural no gesto ou na sensação!

II - A preocupação social com o corpo

No final dos anos 1960, a crise da legitimidade das modali-
des físicas da relação do homem com os outros e com o mundo am-
plia-se consideravelmente com o feminismo, a "revolução sexual",
a expressão corporal, o *body-art*, a crítica do esporte, a emergência
de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar
somente ao corpo, etc. Um novo imaginário do corpo, luxuriante,
invade a sociedade, nenhuma região da prática social sai ileso das
reivindicações que se desenvolvem na crítica da condição corporal
dos atores!

1 • David Le Breton, *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2001 (5e ed.).

2 • Sobre essa efervescência social, cf. Jean Maisonneuve, *Le corps et le comportement aujourd'hui*. Revue Française de Sociologie, XVII, 1976, p. 551-571.

Freqüentemente indiscreta, a crítica apodera-se de uma noção de senso comum: "o corpo". Sem discussão prévia, faz dele símbolo de união, cavalo de batalha contra um sistema de valores considerado repressivo, ultrapassado, e que é preciso transformar para favorecer o desabrochar individual. As práticas e os discursos que surgem propõem ou exigem uma transformação radical das antigas representações sociais. Uma literatura abundante e inconscientemente surrealista convida à "libertação do corpo", proposta que, quando muito, é angelical. A imaginação pode perder-se indefinidamente nesse discurso fantástico no qual o corpo se "liberta", sem que saibamos bem o que acontece com o homem (seu mestre?) a quem o corpo dá, no entanto, a extensão e a aparência. Nesse discurso o corpo é colocado não como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um outro, um *alter ego*. O homem é a fantasia desse discurso, o sujeito suposto. A apologia ao corpo é, sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira *abstrata*, supõe uma existência para o corpo que poderia ser analisada *fora do homem concreto*. Denunciando freqüentemente o "parolismo" da psicanálise, esse discurso de libertação, pela abundância e pelos inúmeros campos de aplicação, alimentou o imaginário dualista da modernidade: essa facilidade de linguagem que leva a falar do corpo, sem titubear e a todo momento, como se fosse outra coisa que o corpo de atores em carne.

A crise de significação e de valores que abala a modernidade, a procura tortuosa e incansável por novas legitimidades que ainda hoje continuam a se ocultar, a permanência do provisório transformando-se em tempo da vida, são, entre outros fatores, os que contribuíram logicamente para comprovar o enraizamento físico da condição de cada ator. O corpo, lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes. Problemática coerente e até inevitável numa sociedade de tipo individualista que entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurcimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade.

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. Segundo as palavras de Durkheim, o corpo é um fator

de "individualização"¹. O lugar e o tempo do limite, da separação. Como a crise da legitimidade torna a relação com o mundo incerta, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável. Hesita de certa forma com o encarceramento físico do qual é objeto. Dá atenção redobrada ao corpo lá onde ele se separa dos outros e do mundo. Já que o corpo é lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação. Procura-se o segredo perdido do corpo. Torná-lo não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros. Pelo menos este é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade¹.

III - Sociologia do corpo

Como se sabe, as sociologias nascem em zonas de ruptura, de turbulência, de falha das referências, de confusões, de crise das instituições, numa palavra, lá onde são eliminadas as antigas legitimidades. Lá onde é desenhado o fio condutor do pensamento aplicado na compreensão e na determinação de conceitos, naquilo que escapa temporariamente aos modos habituais de idealização do mundo. Trata-se de dar significação à desordem aparente, de encontrar as lógicas sociais e culturais. O trabalho, o mundo rural, a vida quotidiana, a família, a juventude, a morte, por exemplo, são eixos de análise para a sociologia que só conheceram o desenvolvimento integral quando as representações sociais e culturais que os dissolviam, até então, na evidência, começaram a se modificar suscitando uma inquietação difusa no seio da comunidade. O mesmo aconteceu no corpo. O final dos anos 1960 assistiu, logicamente e de modo mais sistemático, a manifestação de abordagens que levavam em consideração, sob diversos ângulos, as modalidades físicas da relação do ator com o meio social e cultural que o cerca. O corpo faz, assim, sua entrada triunfal na pesquisa em ciências sociais: J. Baudrillard, M. Foucault, N. Elias, P. Bourdieu, E. Goffman,

1 • E. Durkheim, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968, p. 386ss.

1 • A acentuação da crise da legitimidade e o crescimento individualista dos anos 1980 tornaram o corpo ainda mais autónomo a ponto de fazê-lo frequentemente um pariente, um verdadeiro *alter ego*. Cf. David Le Breton, *Anthropologie du corps et modernité* (op. cit.) e *L'adieu du corps* (Métailié, 1999).

M. Douglas, R. Birdwhistell, B. Turner, E. Hall, por exemplo, encontram frequentemente, pelos caminhos que trilham, os usos físicos, a representação e a simbologia de um corpo que faz por merecer cada vez mais a atenção entusiasmada do domínio social. Nos problemas que esse difícil objeto levanta, eles encontram uma via inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos ou, então, para isolar os traços mais evidentes da modernidade. Outros, para citar alguns exemplos na França, como F. Loux, M. Berthelot, J.-M. Brohm, D. Le Breton ou G. Vigarello, dedicam-se de modo mais sistemático a desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade.

Essa descoberta não é, evidentemente, fruto de súbita esportezza característica dos anos 1960, 1970. Não se deve confundir a emergência de uma nova preocupação e da proliferação de práticas e discursos com a constituição de pleno direito de uma disciplina e, ainda menos, com a admirável descoberta de um novo objeto de estudo. Esses anos marcarão mais precisamente a incursão no cenário coletivo de um novo imaginário que as ciências sociais, atentamente crítico adotado por alguns pesquisadores, passou a existir o cuidado redobrado com relação aos condicionantes sociais e culturais que modelam a corporeidade humana. Mas "uma sociologia implícita do corpo" (J.-M. Berthelot) já estava presente desde o início no pensamento sociológico, principalmente sob o ponto de vista do estudo crítico da "degenerescência" das populações mais pobres, aquela da condição operária (Marx, Villermé, Engels, etc.) ou das antropometrias (Quetelet, Niceforo, etc.). Sociólogos como G. Simmel abrem importantes vias (o sensorio, a fisionomia, o olhar, etc.). Mais tarde, M. Mauss, M. Halbwachs, G. Friedmann, M. Graffar, M. Leenhardt, no contexto francês; em outros lugares, E. De Martino, M. Eliade, W. La Barre, C. Kluckhohn, O. Klineberg, E. Sapir, D. Efron, etc., contribuem decisivamente nesse sentido, apesar da cesura feita por E. Durkheim que identifica a corporeidade ao orgânico evitando, assim, o interesse das ciências sociais.

A partir do início do século XX até os anos 1960, um esboço de sociologia faz abundantes descobertas relacionadas ao corpo. Sem sombria de dúvidas, é somente nos últimos trinta anos que a sociologia aplicada ao corpo torna-se uma tarefa sistemática e que alguns pesquisadores consagraram-lhe parte significativa de sua atenção.

IV - Desenvolvimento

Veremos de início, de modo esquemático, as principais etapas da abordagem do corpo pelas ciências sociais (capítulo I). Em seguida, nos questionaremos sobre a ambigüidade do referente "corpo", que está longe de ser unanimidade e, à primeira vista, sugere somente uma relação conjectural com o ator que encarna. Dados históricos e antropológicos mostram, assim a variabilidade das definições de "corpo" que sempre dá a impressão de tergiversar (capítulo II). Para empreender uma análise sociológica é conveniente desconstruir a evidência primeira que está ligada às nossas representações ocidentais do corpo, para melhor elaborar a natureza do objeto sobre o qual o pesquisador pretende exercer a compreensão. Também é importante notar que a sociologia aplicada ao corpo em nada se distingue, por seus métodos ou procedimentos de raciocínio, da sociologia da qual é um dos tópicos (capítulo III). Na sequência, trataremos das conquistas e das expectativas dos diferentes trabalhos conduzidos, nesse campo, pelas ciências sociais. Por exemplo, os trabalhos relacionados com as lógicas sociais e culturais próprias à corporeidade: as técnicas do corpo, as atividades perceptivas, a gestualidade, as regras de etiqueta, a expressão dos sentimentos, as técnicas de manutenção, as marcas corporais, as condutas corporais impróprias (nosografias, etc.) (capítulo IV). Os imaginários sociais do corpo constituem um outro campo: "teorias" do corpo, abordagens biológicas que pretendem explicar os comportamentos dos atores, interpretação social e cultural das diferenças entre os sexos, valores diferenciais que marcam a corporeidade, imaginários do racismo, corpo "deficiente" (capítulo V). Um terceiro campo de pesquisa referir-se ao corpo no espelho do social e diz respeito ao uso e à significação do corpo na sociedade contemporânea: usos de aparência, controle político da corporeidade, classes sociais e relações com o corpo, relações com a modernidade, entusiasmismo pela exploração física de si através dos riscos ou da "nova aventura", verificação de um imaginário do "corpo a mais" na modernidade (capítulo VI). A obra termina com uma reflexão sobre o estatuto da sociologia do corpo (capítulo VII) e finalmente por uma bibliografia sumária.

